

A conciliação impossível: o discurso antiperonista no conto *A festa do Monstro*.

Paulo Renato da Silva¹.

Esta comunicação refere-se ao desenvolvimento inicial de um projeto de doutorado. Desse modo, longe de apresentar conclusões, destaco as primeiras impressões e algumas possibilidades de pesquisa oferecidas pelo conto *A festa do Monstro*, texto ainda pouco conhecido dos escritores argentinos Adolfo Bioy Casares (1914-1999) e Jorge Luis Borges (1899-1986). Chama a atenção no conto, nesta etapa inicial da pesquisa, a atualização, durante o governo de Juan Domingo Perón (1946-1955), da dicotomia entre “civilização” e “barbárie”, que marca o pensamento argentino desde o século XIX.

O conto é datado no final, onde aparece *Pujato, 24 de novembro de 1947*². No entanto, foi publicado somente em 30 de setembro de 1955, no número 783 da revista uruguaia *Marcha*. O intervalo de quase oito anos entre escrita e publicação pode ser explicado pela crítica que o conto dirige ao peronismo: o Monstro é uma metáfora de Perón. Ao datarem o conto, os escritores demonstraram sua inspiração na situação política argentina. Nas palavras de Luis Alejandro Rossi, os motivos ideológicos chegam a uma saturação completa do relato em *A festa do Monstro*³.

¹ Doutorando em História da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: <pauloparesi@yahoo.com.br>.

² BIOY CASARES, A.; BORGES, J. L. A festa do Monstro. In: MONEGAL, E. R. (Org.). *Borges por Borges*. Tradução de Ernani Ssó. Porto Alegre: L&PM, 1987. p. 151. Em espanhol, o conto pode ser encontrado em *Perón vuelve: cuentos sobre peronismo*, organizado por S. S. Olguín (Buenos Aires: Norma, 2000).

³ ROSSI, L. A. Borges, Bioy Casares y el peronismo. *Estudios Sociales*, nº 14. Disponível no site: <www.argiropolis.com.ar/documentos/investigacion/publicaciones/es/14/rossi.htm>. Acesso em: 17 de março de 2005. p. 1.

O conto é narrado por um jovem operário, que conta entusiasmadamente à personagem Nelly sua participação em uma caravana até a Praça de Maio, onde aconteceu um discurso do Monstro, daqui em diante Perón. O evento é descrito como uma *jornada cívica*, um *saudável patriotismo*, um *entusiasmo partidário*, uma mostra do mais *puro idealismo*, um exemplo de *civismo*, a *consciência em marcha*⁴, apelos aos quais o peronismo sempre recorria para se legitimar. No entanto, o narrador não representa a voz do “outro”, não consiste em uma tentativa dos escritores compreenderem o apoio das massas a Perón. Pelo contrário, *A festa do Monstro* transmite uma relação marcada por ironia e violência que inviabilizam o diálogo e qualquer possibilidade de conciliação. Como coloca Susana Rosano, o surgimento do peronismo foi encarado pela classe média e alta, à qual pertenciam Borges e Bioy Casares, como uma agressão de setores estranhos que pretendiam se apropriar de espaços culturais e políticos que não lhes pertenciam⁵. Dessa maneira, *A festa do Monstro* é marcado por contrastes, distanciamentos, está inserido na intensa disputa cultural e política travada entre os peronistas e a oposição. Disputa que repercutiu nas esferas de legitimação como instituições e prêmios oficiais na área cultural. No ano anterior à escrita do conto, portanto, em 1946, Borges pediu demissão da biblioteca municipal Miguel Cané ao saber da sua transferência para o cargo de fiscal de aves, coelhos e ovos das feiras de Buenos Aires⁶. Além disso, apesar da crescente difusão internacional, Borges não foi reconhecido oficialmente no país durante o governo de Perón. Em 1955, Perón foi derrubado por um golpe militar e a disputa cultural e política pode

⁴ BIOY CASARES; BORGES, op. cit., p. 140, 142, 144 e 145.

⁵ ROSANO, S. El peronismo a la luz de la “desviación latinoamericana”: Literatura y sujeto popular. *Colorado Review of Hispanic Studies*, nº 1, 2003. p. 13.

⁶ María Esther Vázquez, parceira de Borges em alguns trabalhos, faz uma pequena ressalva sobre essa versão. De acordo com Vázquez, na biografia *Victoria Ocampo: el mundo como destino* (Buenos Aires: Seix Barral, 2002), essa versão foi difundida por Borges, apesar da transferência ter sido para a Escola de Apicultura da Prefeitura, o que não descaracteriza a perseguição política. Dentre os peronistas, argumenta-se que Borges era um funcionário ausente e que trocas de cargos são comuns com mudança de qualquer governo.

ser percebida com a nomeação de Borges para a direção da Biblioteca Nacional, cargo que ocupou por mais de quinze anos⁷.

Em disputa, dois projetos, dois ideais de nação. No conto, um dos primeiros contrastes é o estabelecido entre interior e capital. Os seguidores de Perón não são representados como portenhos, ou seja, da capital, mas oriundos de Fiorito, Villa Domínico, Ciudadela, Villa Luro, localidades da Província e da Grande Buenos Aires marcadas, na primeira metade do século XX, por uma forte migração do interior⁸. *A galharda coluna se infiltrava nas lagoas alagadiças, quando não nas montanhas de lixo, que assinalam o acesso à Capital (...)*⁹. A origem interiorana dos peronistas é reforçada pelos escritores através de uma das músicas cantadas durante a viagem. *Guitarra, propriamente, não tinha nesse local, mas Bo lascou Adiós Pampa Mía e todos lhe fizemos coro e a coluna juvenil era um grito só*¹⁰. O tango *Adiós Pampa Mía* (1945), um dos mais populares da Argentina, canta a migração do pampa, do campo, do interior argentino, para *tierras extrañas*¹¹.

Desse modo, o conto relaciona o peronismo com o interior, mas também o antiperonismo com a capital, como mostra o encontro dos peronistas com um judeu nas ruas de Buenos Aires, que tem uma das maiores comunidades judaicas do mundo. O judeu se recusa a saudar uma imagem de Perón. O grupo, revoltado, apedreja e mata o judeu:

⁷ Antes da direção da Biblioteca Nacional, Borges teria sido sondado para a embaixada da Argentina nos Estados Unidos.

⁸ Segundo dados apresentados por Carlos Alberto Floria e César A. García Belsunce no segundo volume de *História de los argentinos* (Buenos Aires: Larousse, 1996), em 1936 a região metropolitana de Buenos Aires recebeu cerca de 83 mil migrantes. Em 1947, esse número aumentou para 90 mil.

⁹ BIOY CASARES; BORGES, op. cit., p. 148.

¹⁰ Ibid., p. 149.

¹¹ *Adiós, pampa mía...me voy, me voy a tierras extrañas*. Esses versos abrem *Adiós Pampa Mía*, que tem música de Ivo Pelay e Francisco Canaro e música de Mariano Mores.

(...) caiu, porque estava morto. Nós desafogamos um tempo mais, com pedradas que já não lhe doíam. Te juro, Nelly, deixamos o cadáver virado num trapo. Depois, Mopurgo, para que os rapazes se rissem, me fez cravar o canivete no que ele tinha no lugar da cara”¹².

Neste ponto, já é possível perceber o diálogo de Borges e Bioy Casares com alguns nomes do pensamento argentino do século XIX, especialmente Esteban Echeverría (1805-1851), Hilario Ascasubi (1807-1875) e Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888). Os três eram defensores do sistema unitário e fizeram oposição ao federalista Juan Manuel de Rosas (1793-1877), governador da Província de Buenos Aires (1829-1832; 1835-1852) que exerceu um grande controle sobre o restante do país¹³.

O conto seria uma retomada de *La refalosa* de Ascasubi e *El matadero* de Echeverría. É, inclusive, iniciado com um trecho de *La refalosa. Aqui começa a sua aflição*¹⁴. Além disso, herda a narração em primeira pessoa centrada no adversário político: Ascasubi coloca um “mazorquero”, policial de Rosas, como narrador. Em *El matadero*, a narração ocorre em terceira pessoa, mas federalistas assassinam um unitário, episódio que seria atualizado por Borges e Bioy Casares. Além disso, é interessante notar que, como outros opositores de Rosas, Echeverría se exilou em Montevideu, cidade na qual *A festa do Monstro* foi publicado e que abrigou muitos antiperonistas. *El matadero* também não foi publicado prontamente e somente foi conhecido pelo público em 1871.

Em 1845, Sarmiento, exilado no Chile, consolidou a dicotomia entre capital e interior, entre “civilização” e “barbárie” com a publicação de *Facundo*. De acordo com Sarmiento, a base social de Rosas estaria no campo, marcado por atraso, hábitos rudimentares e ignorância, razão pela qual, apesar da violência, continuava no poder. Buenos Aires, cidade europeizada,

¹² BIOY CASARES; BORGES, op. cit., p. 150-151.

¹³ Os federalistas defendiam a autonomia das Províncias e os unitários um poder centralizado em Buenos Aires.

¹⁴ BIOY CASARES; BORGES, op. cit., p. 140. No entanto, a passagem não aparece em todas as edições do conto.

deveria comandar politicamente o país e ditar sua cultura. Em *Facundo*, é possível perceber a imagem de uma Buenos Aires invadida. *A barbárie do interior chegou a penetrar até as ruas de Buenos Aires*¹⁵. Contudo, a cidade se recuperaria, (...) *porque a civilização européia é tão forte ali que, apesar das brutalidades do governo, há de sustentar-se*¹⁶. É conhecida a frase de Borges, segundo a qual a Argentina seria melhor se lesse mais *Facundo* e menos o poema *Martín Fierro* (1872) de José Hernández (1834-1886), que exalta o campo e o gaúcho como legítimos representantes da identidade nacional argentina.

Assim, o conto de Borges e Bioy Casares coloca o peronismo como uma nova etapa do confronto entre unitários e federalistas que marcou o século XIX logo após a independência. O conto aparece como um sintoma da ainda inconclusa identidade nacional argentina.

A passagem do assassinato do judeu indica a dificuldade ou mesmo impossibilidade de diálogo entre o interior e a capital, entre os peronistas e os antiperonistas. Os peronistas são representados como invasores da capital e o judeu como um obstáculo no caminho à Praça de Maio. Parece sugestivo que o conto seja datado em Pujato, cidade do interior localizada perto de Rosário, como se os escritores tivessem sido expulsos da capital, uma possível referência ao desequilíbrio que viam no peronismo.

Antes de continuar, vale mencionar que, além da capital, o judeu representa os estudantes, um dos principais focos da oposição a Perón, pois trazia livros consigo. Além disso, seu assassinato demonstra a associação entre peronismo e nazismo feita pela oposição, naquele contexto ainda fortemente marcado pelo anti-semitismo que singularizou a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Segundo Rossi, o judeu ainda seria uma referência a um episódio ocorrido em 4 de outubro de 1945: o assassinato de J. Salmún Feijóo pela Aliança Libertadora

¹⁵ FACUNDO, D. F. *Facundo: civilização e barbárie*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 125.

¹⁶ *Ibid.*, p. 125.

Nacionalista, grupo de choque então aliado do governo Edelmiro Farrell (1944-1946), do qual Perón era vice-presidente, Ministro da Guerra e Secretário do Trabalho¹⁷.

Outro contraste se destaca no conto, também relacionado aos demais: o estabelecido entre elites intelectuais e massas populares. O judeu carregava livros consigo, tinha opinião própria, foi agredido, pois (...) *respondeu com o despropósito de que ele também tinha sua opinião*¹⁸. Antes de morrer, olhou para o céu e rezou, demonstrando capacidade de abstração e elevação espiritual. Relacionado a isso, o judeu, como povo sem pátria, representaria a cultura cosmopolita, universal, independente de fronteiras e contextos históricos defendida pelos escritores. Já os peronistas entoam tangos e marchinhas do governo. Não têm senso crítico, apenas seguem a orientação dos líderes. *Não pensava mais do que no Monstro e que no outro dia o veria sorrir e falar como o grande trabalhador argentino que é*¹⁹. A juventude do narrador e dos seus companheiros sugere imaturidade, reforça a idéia de manipulação que permeia o conto. Ao contrário do judeu, nota-se nos peronistas a supremacia do corpo sobre a mente, da ação sobre as idéias. As atitudes dos peronistas são guiadas pelos sentimentos e pelas emoções, seja o nacionalismo ou o sorriso de Perón. Assim, a Argentina peronista representaria o domínio da violência, do autoritarismo, da massificação, onde não haveria espaço para a pluralidade. *Não me cansava de pensar que toda essa rapaziada moderna e sã pensava em tudo como eu, porque até o mais abúlico ouve as emissões em cadeia, queiras ou não*²⁰. Os peronistas também são representados de maneira disforme. O narrador, por exemplo, tem *pé chato, pescoço curto e pança hipopótama*²¹. Ao descreverem os peronistas com traços, inclusive físicos, que sugerem monstruosidade, os escritores frisam o controle das massas por

¹⁷ ROSSI, op. cit., p. 9.

¹⁸ BIOY CASARES; BORGES, op. cit., p. 150.

¹⁹ Ibid., p. 142.

²⁰ Ibid., p. 143-144.

²¹ Ibid., p. 140.

Perón, como se formassem um todo homogêneo, apesar da liderança do “primeiro trabalhador argentino”. Como coloca Susana Rosano:

El sujeto popular (...) se inscribe y se escribe en este texto como otro que amenaza la estabilidad; la chusma metaforiza aquí el afuera de la nación, el peligro que su presencia impone en la Argentina de 1947. Lo “otro” de la nación es el pueblo e su violencia, lo siniestro²².

Uma das preocupações da pesquisa é levantar as eventuais influências de teóricos das multidões sobre o conto e outros trabalhos de Borges e Bioy Casares. A idéia de massas homogêneas, de que o indivíduo em grupo, na multidão, perde o senso crítico e se deixa levar por emoções e sentimentos manipulados por uma liderança, é central em pensadores como o francês Gustave Le Bon (1841-1931) e o espanhol José Ortega y Gasset (1883-1955), apesar das diferenças entre ambos. Em *A rebelião das massas* (1926), Ortega y Gasset diferencia as minorias das massas, o homem das elites do chamado homem-massa:

A sociedade é sempre uma unidade dinâmica de dois fatores: minorias e massas. As minorias são indivíduos ou grupos de indivíduos especialmente qualificados. A massa é o conjunto de pessoas não especialmente qualificadas. Não se entenda, pois, por massas só nem principalmente “as massas operárias”. Massa é o “homem médio”. Deste modo se converte o que era meramente quantidade – a multidão – numa determinação qualitativa: é a qualidade comum, é o monstro social, é o homem enquanto não se diferencia de outros homens, mas que repete em si um tipo genérico²³.

Na década de dez, Ortega y Gasset realizou conferências e deu cursos na Argentina, para onde retornou nas décadas seguintes. Em meados da década de vinte, passou a escrever

²² ROSANO, op. cit., p. 14.

²³ ORTEGA Y GASSET, J. *A rebelião das massas*. Rio de Janeiro: Livro Ibero-americano, 1971. p. 51.

regularmente para o jornal liberal *La Nación*. Além disso, a revista cultural *Sur* (1931-1992)²⁴ de Victoria Ocampo (1890-1979), da qual Borges e Bioy Casares eram colaboradores, foi influenciada pela *Revista de Occidente* de Ortega y Gasset e teria sido batizada pelo espanhol.

Além disso, considerando sua força referencial, a pesquisa pretende levantar possíveis pontos de contato do conto e outros textos de Borges e Bioy Casares, com a Sociologia e a historiografia sobre o peronismo, que começou a ser produzida a partir da década de sessenta. Concordando com o historiador Tulio Halperin Donghi, Rossi destaca que o sociólogo Gino Germani (1911-1979) em *Política e sociedade numa época de transição: da sociedade tradicional à sociedade de massas* (1962), construiu a primeira interpretação acadêmica relevante do peronismo calcado em preconceitos portenhos em relação ao interior, que também se notariam em *A festa do Monstro*²⁵. Germani defende que o peronismo foi apoiado predominantemente por trabalhadores que não tinham experiência sindical, recém-chegados a Buenos Aires e, por isto, teriam sido facilmente cooptados por Perón.

De volta aos contrastes estabelecidos pelo conto, pode-se argumentar que a oposição nunca propõe a conciliação política, o que caberia aos que estão no poder. Claro que o apoio das massas peronistas interessava aos que assumiram em 1955, desde que, obviamente, abandonassem o apoio a Perón, exilado. Como isso não aconteceu do modo esperado, a relação entre os peronistas e os antiperonistas foi marcada por um radicalismo crescente que gerou ditaduras militares e milhares de desaparecidos políticos. Na década de oitenta, Borges apoiou a redemocratização, abandonou o apoio aos militares, mas manteve a posição intransigente em relação ao peronismo.

²⁴ A *Sur* publicou números inéditos até a década de setenta. Depois, somente coletâneas.

²⁵ ROSSI, op. cit., p. 6.